

O TRABALHO E O LAZER DOS DANÇANTES DO FESTIVAL DOS BUMBÁS DE PARINTINS

Elizandra Garcia da Silva¹

Selma Suely Baçal²

Arminda Rachel Botelho Mourão³

Resumo

O objeto desse artigo é analisar o **tema** do trabalho e do lazer dos dançantes do Festival dos Bois Bumbás de Parintins-AM. O problema concreto é; por que os dançantes dos Bois Caprichoso e Garantido têm diferentes compreensões de seu dançar, entre as categorias trabalho e lazer? A hipótese, por hora empírica, é que a compreensão de trabalho e lazer dos dançantes dos Bumbás, emerge a partir da classe social a que esse dançante pertence; quando da burguesia, a dança é compreendida como lazer e quando da classe trabalhadora, a dança é compreendida como trabalho ou mais trabalho. Justificamos essa pesquisa por sua importância na relação com a Educação (sentido *lato*), e Educação Física (dança como Unidade de Conteúdo e os/as acadêmicos/as do curso de Educação Física da UFAM serem dançantes), com os dançantes dos Bumbás, professores e acadêmicos de Educação Física, população da Cidade e aos estudos nas áreas de Educação, Educação Física, Dança, trabalho, lazer e cultura. Registramos ainda a viabilidade dos estudos, desde a disposição das Associações Folclóricas e suporte do PPGE/UFAM. O **método** é o materialismo histórico dialético. Para traçar os nexos entre empírico e científico o **objetivo geral** é: analisar o lazer e o trabalho dos dançantes do Festival dos Bois Bumbás de Parintins-AM. E os **específicos**: 1) elaborar uma síntese analítica do trabalho, do lazer e da dança/cultura (princípios ontológico e educativo), no processo de reestruturação produtiva, mediado aos Dançantes do Festival de Parintins; 3) constituir análises das relações empíricas expressas pelos sujeitos investigados, *a lócus*, mediadas com a cientificidade dos estudos, com vias a síntese. Essa tese está em construção e o entendimento, empírico, nos remete à hipótese, que as compreensões desses dançantes de suas danças dos Bumbás, entre trabalho e lazer, têm embasamento classista.

Palavras-chave: trabalho; lazer; dançantes dos bois bumbás de parintins.

¹ Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE e professora da Universidade Federal do Amazonas/UFAM.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UFAM e orientadora.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UFAM.

Estrada Parintins-Macurany, 1805, Bairro Jacareacanga, Parintins/AM. CEP: 69152-450. (92) 81537216. E-mail: elizandragarcia@hotmail.com

TRABALHO, LAZER E DANÇA; PASSOS INTRODUTÓRIOS (OBJETIVOS E METODOLOGIA)

O objeto desse artigo é analisar o trabalho e do lazer dos dançantes do Festival dos Bois Bumbás de Parintins-AM. A opção desse estudo por elencar as determinações sociais essenciais pertinentes ao referente objeto, e analisar suas contradições, nos levou à necessidade de pontuar, junto a esse pressuposto, que a questão da existência e da luta entre as duas principais classes sociais, é uma dessas contradições. Irradia das referências que embasaram esse estudo que há contradição do capital versus o trabalho, ou seja, a luta entre os capitalistas, que tem o poder e os meios para produzir e querem se manter no poder e acumular mais, e os que não tem, trabalhadores, que vendem a força de trabalho pra sobreviver, e, que além de sobreviver lutam para ter uma sociedade em que os trabalhadores governem até que se chegue ao comunismo e sejam superadas as contradições de desumanização pelo trabalho (MARX; ENGELS, 1998).

Essa luta das duas distintas classes sociais por seus projetos de sociedade, conflitantes e irreconciliáveis, própria da totalidade do sistema capitalista, se concretiza, em suas múltiplas determinações, nos objetivos desse sistema, aqui mediados pelas distintas compreensões, do dançar como lazer ou trabalho no Festival dos Bois-Bumbás de Parintins.

O problema empírico, do qual partimos, emergente das relações sociais que estabelecemos com esses dançantes, muitos deles e delas, alunos do curso de Educação Física ou de outros cursos da UFAM, é; por que os dançantes dos Bois Caprichoso e Garantido têm diferentes compreensões de seu dançar, entre as categorias trabalho e lazer?

A hipótese, por hora empírica, é que a compreensão de trabalho e lazer dos dançantes dos Bumbás, emerge a partir da classe social a que esse dançante pertence; quando da burguesia, a dança é compreendida como lazer e quando da classe trabalhadora, a dança é compreendida como trabalho ou mais trabalho. Vale destacar que há o fator da subjetividade, reificada pela sociedade do capital, que poderá interferir na construção e consolidação da hipótese, já que há um forte apelo, midiático e cultural, de amor incondicional, cada qual ao seu Boi, que poderá incidir sobre a compreensão dos dançantes (ALVES, 2006).

As determinações que cercam o objeto, em especial a compreensão do seu dançar nos encaminha aos ensinamentos de Lukács (1981, p. 01), ao distinguir os diferentes níveis e graus do ser, e elencado para esse estudo o ser social, alerta para o fato de que não devemos

[...] esquecer que qualquer grau de ser, no seu conjunto e nos seus detalhes, tem um caráter de complexo, isto é, que as suas categorias, até mesmo as mais centrais e determinantes, só podem ser compreendidas adequadamente no interior e a partir da constituição complexa no nível de ser de que se trata.

O autor (1981) ressalta, portanto, que “qualquer grau de ser” precisa ser compreendido “no interior” das relações dos elementos determinantes que o constituem. Logo, para analisar o grau de ser estudado por nós – o ser social, em especial os dançante dos Bois, urge compreensão a partir do modo de (re) produção da vida e das relações sociais que dele se desdobram, desde a conjuntura mais ampliada da sociedade do capital, mediadas às leituras das categorias elencadas para a realidade particularizada de trabalho, lazer, dança e cultura da Cidade de Parintins e do Festival dos Bois de Parintins.

E, nas análises de Marx (1986, p. 13) “ [...] a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais”, essas, no Festival, vem sendo caracterizadas pelo misticismo da mercadoria, de relações sociais coisas, próprias do metabolismo do capital, desde sua forma social ampliada e mediada a reificação da subjetividade desses dançantes e a compreensão de seu dançar.

Justificamos essa pesquisa por sua importância na relação com a Educação (sentido *lato e stricto*), e Educação Física, que, entendida como Cultura Corporal, compreende a dança como Unidade de Conteúdo. Vale destaque a indicação que os/as acadêmicos/as do curso de Educação Física da UFAM, em sua maioria, são dançantes dos Bumbás e carecem de compreensão de seu dançar, assim como outros dançantes dos Bumbás, professores e acadêmicos de Educação Física, população da Cidade. O temário é relevante aos estudos nas áreas de Educação, Educação Física, Dança, trabalho, lazer e cultura, e está sendo viabilizado a partir do suporte do Programa de Pós-Graduação em Educação-Doutorado/UFAM.

Para mediar e sintetizar, balizados pela hipótese, os nexos entre essa realidade empírica e os conhecimentos científicos e mediá-los a realidade particularizada dessas categorias delineamos como objetivo geral: analisar o lazer e o trabalho dos dançantes do Festival dos Bois Bumbás de Parintins-AM, a partir de um recorte de classe. E por objetivos específicos: **objetivo geral** é: analisar o lazer e o trabalho dos dançantes do Festival dos Bois Bumbás de Parintins-AM. E os **específicos**: 1) elaborar uma síntese analítica do trabalho, do lazer e da dança/cultura (princípios ontológico e educativo), no processo de reestruturação produtiva, mediado aos Dançantes do Festival de Parintins; 3) constituir análises das relações

empíricas expressas pelos sujeitos investigados, *a locus*, mediadas com a cientificidade dos estudos, com vias a síntese.

Os **procedimentos metodológicos**, como subsídios dessas mediações, serão vivenciados desde a constante leitura e fichamento das literaturas afins, conjugadas as respostas da investigação, *in loco*, dos dançantes nas Associações Folclóricas dos Bois Garantido e Caprichoso, na qual analisarei dialeticamente as determinações de classe social, dança, trabalho, educação, lazer e cultura e traçarei as sínteses e caminhos para a superação, como parte do método adotado; o materialismo histórico e dialético.

Essas constatações e compreensões empíricas/científicas não serão apropriadas por esse estudo de forma imutável, estanque e estática, ao contrário, de forma mutável, possível de transformação, dinâmica, sinalizando a possibilidade que a classe trabalhadora tem de emancipação ressignificação de seu ser humano omnilateral (MÉSZÁROS, 2001).

OS PRIMEIROS PASSOS PRINCIPAIS; MEDIAÇÕES DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA- BRASIL, AMAZONAS E PARINTINS

Pontuamos, nesses escritos, algumas considerações marxianas a leitura de Antunes e Silva (2010) acerca do desenvolvimento das forças produtivas e do capital com particularidades, apesar de global e mundializado, à Parintins, aos Bois Bumbás e suas compreensões de lazer e trabalho.

Esses autores (op.cit., p. 10) alertaram que, “[...] por trás de aparente hegemonia e universalidade de situações [...]” há diferenças entre os países “[...] ricos e pobres, centrais e subordinados, e também no interior dos mesmos [...]”, e, dentro dessas particularidades entre os diversos setores da economia. Eles acrescentaram ainda as diferenças de gênero, diversidade de etnias, geracional e etária, como necessárias a compreensão da situação de classe dos trabalhadores. Tomando de empréstimo essas considerações, pretendo desvelar as particularidades da reestruturação produtiva materializa no trabalho dos dançantes do Festival de Parintins e as imbricações com lazer e o trabalho.

Assim, há que se considerar que o modo de produção capitalista, enquanto sistema social de metabolismo do capital, vêm passando por profundas mudanças, estendendo-as para a esfera do trabalho, desde as três últimas décadas do século XX. Essas transformações são o resultado de uma crise no padrão de acumulação taylorista-fordista, aflorando um padrão de acumulação flexível, com substancial impacto sobre o mundo do trabalho (ALVES, 2000; NOZAKI, 2004; PADILHA, 2003).

A partir da década de 70, contudo, este padrão de acumulação perdeu força e entrou em crise, passando a figurar um novo regime, de caráter flexível, que busca que os trabalhadores gestem e participem do projeto do capital. Além disso, lhes é exigido ainda; respostas a variações de volumes na produção, respostas a montagens de produtos diferentes, inovação e re/atualizar com constância as pesquisas sobre o mercado e os produtos a serem efetivados nesse, enquanto mercadorias. Vale lembrar um apontamento de Mourão (2006) ao mencionar que os trabalhadores desse novo sistema acumulativo além de desempenhar seus trabalhos também possuem capacidades administrativas, porém, não caracterizando gestão cooperativa, já que a decisão permanece sob os tentáculos da administração da empresa.

Antunes (2001) analisou as interfaces que se cruzaram das transformações do modelo de acumulação flexível como o novo mundo do trabalho e indicou a materialização das mudanças; na crescente redução do proletariado fabril estável; no enorme incremento do novo proletariado (terceirizados e subcontratados); no aumento do trabalho feminino (trabalho precarizado e desregulamentado); e, no incremento dos assalariados médios e de serviço.

Do alastro desse novo formato de produção emergiram novos trabalhadores, polivalentes e mais qualificados, capazes, inclusive, de cooperar em projetos de máquinas e na gestão da qualidade dos produtos. Mas, para além do aspecto gerencial do controle da força de trabalho, estas inovações tecnológico-organizacionais também tiveram sério impacto no que tange à composição interna da classe trabalhadora, desde a formação educacional, profissional e política de seus novos quadros, até a atuação de seus organismos de luta, como os sindicatos que se coadunam com a empresa e seus objetivos, ocasionando maior confiança dos trabalhadores na própria empresa do que na entidade classista que deveria ser sua representante (ALMEIDA, 2007; ANTUNES, 2001; MOURÃO, 2006).

Resgatando os esboços iniciais da reestruturação produtiva no Brasil, situo que esses passam a se concretizar a partir de meados da década de 1980. Mas, a associação desse novo modo de produção ao governo neoliberal de Collor projeta à década de 1990 sua intensificação, que se prolonga com a abertura econômica, privatizações e financeirização da economia, dos governos subsequentes (NOZAKI, 2004).

Nesse contexto Mourão (2006) expressa, resgatando os vieses do pensamento marxiano, que a reestruturação produtiva e suas determinações, se materializaram em patamares diferenciados conforme os diferentes desenvolvimentos das regiões do país. A autora reportou a compreensão de que a Região Sudeste, em especial pelo desenvolvimento produtivo industrial, inaugurou o novo cenário, gerenciado de formas inovadas, no qual os

trabalhadores passaram a figurantes precarizados, da máxima intensidade de trabalho, do desemprego e do subemprego, expressado em especial na informalidade.

Enquanto a reestruturação do capital aprimora seus métodos na Região Sudeste, na Região Norte há peculiaridades nesse processo de industrialização, a considerar sua gênese nessa região, pautada pelo governo militar em 1965, por considerar que todo o país deveria passar por desenvolvimento capitalista hegemônico que teve como principal expressão a Zona Franca de Manaus, que, desde 1957, quando de sua criação, se caracterizava como interposto aduaneiro. Ao se pautar a liberalização comercial para a modernização da indústria nacional, com ímpeto nas importações houve intenso desmonte em diversos setores fabris brasileiros.

Há que se considerar que sua concretude no Amazonas, em especial na Zona Franca de Manaus, historicamente composta por uma burguesia extrativista incapacitada a novos projetos de produção, justificou os formatos flexíveis de acumulação adotados aproximadamente a partir da década de 1990 (ALVES, 2000; MOURÃO, 2006).

No escopo dessa conjuntura da capital nesse Estado, ocorreram transformações nas vidas dos trabalhadores, tanto na capital e em especial nas cidades do interior, dentre elas a Cidade elencada a esse estudo; Parintins. A autora (2006), supra citada, analisou que houve a proletarianização desses sujeitos amazônicos, sem planejamento dos setores estatais. Visto que a proletarianização passou a representar oportunidade de emprego para toda a região se desencadeou o processo migratório de trabalhadores até então produtores e reprodutores sob o extrativismo ou agricultura de subsistência, ou seja, sem experiência industrial e comercial (BRAGA, 2002).

A realidade da Cidade de Parintins, se inscreve nesse contexto; muitos trabalhadores migraram para a Capital do Estado, com características de trabalho peculiares a sua constituição (MOURÃO, 2006). Essa Cidade, apesar de ser a segunda maior cidade do Estado, com aproximadamente 100 mil habitantes, é uma ilha fluvial do Amazonas, com uma área de 7.069 km². Além dessa característica geográfica o clima com apenas duas estações limita ainda mais as possibilidades de cultivos suficientes a população desse território, elencando assim a agricultura familiar e o extrativismo, se constituem como atividades formadoras dessa força de trabalho que passaram a se configurar como mão-de-obra desqualificada (posteriormente qualificadas pelas empresas ou cursos de formação) nos setores comerciais e industriais da capital (BRAGA, 2002).

Houve, nesse processo histórico, e persiste, um alinhamento em condições favoráveis das necessidades do capital em se reproduzir em tempos de reestruturação produtiva, com as intempéries climáticas e geográficas que legam ao período de inverno da região amazônica,

característico pelas chuvas torrenciais e dificuldades de agricultura familiar e extração, compreendido entre dezembro e junho, que podem ter contribuído ao fator migratório. Aos trabalhadores que permaneceram em Parintins, o inverno, se caracteriza enquanto período anual de intensivo trabalho de construção do Festival dos Bumbás, onde aproximadamente metade dos trabalhadores da cidade se inserem (BRAGA, 2002).

As primeiras declarações de representantes das Associações Folclóricas frisaram a mediação do processo de reestruturação produtiva à Cidade, ao reconhecer o que denominam como “profissionalização” dos Bois, dada a partir da década de 1990. Alinhado a “profissionalização”, o Festival Folclórico de Parintins passa a ser dimensionado como um espetáculo mercadológico, chamariz de trabalhadores especializados, de todo o Estado, para esse período do ano (grifo nosso).

Nesse contexto de alinhamento da reestruturação produtiva com a realidade de trabalho como categoria fundante dos seres sociais dessa Cidade é possível constatar a precarização materializada nos trabalhos dos Bumbás, em traços como a informalidade, os contratos temporários, terceirizações, trabalhos domiciliares e, quando empregos formais, há apelativos subjetivos para que esses trabalhadores “colaborem” com seus Bois e se sujeitem a salários rebaixados ao prescrito no registro de trabalho ou no contrato temporário.

Além disso, e como característica desse período de tentativa de reestruturação e crescimento da sociedade do capital, há trabalhadores dos Bois, que, além de desempenhar o trabalho com a construção das alegorias são dançantes, remunerados ou sem remuneração, compreendido por nós como mais trabalho.

O Festival ainda representa o período anual de maior arrecadação financeira para todos os habitantes da Cidade, no tangencial ao turismo de lazer, dirigida a Parintins com foco no Festival dos Bumbás, que atrai um quantitativo aproximado de 30 mil turistas. E, de forma enfática, se inscrevem os recursos para o Festival, que em partes permanece na cidade, advindos, principalmente de empresas como a Coca-cola, dos órgãos públicos estaduais, Prefeituras de Parintins e Manaus, Rede Amazônica de Televisão, Telemar, Band e Rede Calderaro de Comunicações, que anunciou no Festival de 2011 um somatório de 8 bilhões (BRAGA, 2002).

OS PASSOS ESPECÍFICOS: O TRABALHO OU O LAZER DOS DANÇANTES?

A leitura de dança, como cultura, a ser aprofundada, solicita também a mediação à realidade do Festival, cujas sínteses vamos construir no decorrer desse estudo. A dança e a

dança folclórica, desde um universo interpretativo mais ampliado possui contextualizações, materializadas no Festival de Parintins (SOARES, 1992). O Livro Didático de Educação Física do Ensino Médio do Paraná resgatou que a dança “[...] é uma das formas mais antigas de expressão do ser humano.” (PARANÁ, 2006, p. 188).

Nos variados contextos históricos e sociais a dança foi assumindo diferentes conotações e seus gestos primitivos, munidos de instinto, naturalidade e espontaneidade vai ganhando requintes da cultura e tradição dos povos e se transformando “[...] em formas específicas de explicação da realidade.” (ib.), fomentando as variadas práticas dos seres humanos, suas relações com o trabalho, cultura e organização social.

Corroboramos ainda com a justificativa dos autores (2006) em levar a dança para o contexto escolar e às atividades transversais realizadas com a Comunidade, no sentido de desmistificar alguns estereótipos e resgatar e valorizar a cultura geral e de um povo, desse povo, o povo Amazônico, e como nos alerta Mészáros (2005, p. 27) é necessária “a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”, que possa se aportar na cultura como espaços de transição dos projetos, impostos pelo capital, para a superação dessa organização social.

As danças folclóricas são formas de danças que resgatam características socioculturais de um povo. O Festival de Parintins é caracterizado como dança folclórica, do Boi-Bumbá, denominação regional nortista da dança de Bumba-Meu-Boi nordestina, que “[...] representa a morte e a ressurreição numa sátira contra a opressão do colonizador, a exemplo dos congos, caboclinhos e guerreiros.” (DUARTE; NASCIMENTO; VASCONCELOS, 2006, p. 33).

Na esteira da dialética marxiana o trabalho é apreendido como categoria fundante do ser humano social e mediador das relações de primeira ordem, quais sejam, de atuação do homem sobre a natureza para produção e reprodução de sua existência. Ao compreender o trabalho como fundante e sua mediação da relação homem com a natureza para sua produção e reprodução social, há o entendimento de que o trabalho consubstancia aos seres humanos na efetivação da subjetividade eminentemente humana (MÉSZÁROS, 2002).

Ao passo que essas relações de primeira ordem são apropriadas pela sociedade do capital, e que a mercadoria inaugura as relações de segunda ordem, o trabalho fragmenta essa especificidade de efetivação humana negando, a subjetividade e reificando com a subjetividade/objetividade do capital. E, se a produção de mercadorias é baseada na exploração, alienação, subsunção do homem/trabalho ao capital, obliteração, então a subjetividade reificada se concretiza como subsumida, alienada, obliterada, como produto das

condições de produção e reprodução humanas concretas na sociometabolismo do capital. (FREITAS, 2010)

Nesse contexto o estudo do lazer é alavancado a partir da contradição existente em seu próprio seio; ao par que essa categoria emergiu como expressão da luta dos trabalhadores pela redução de suas jornadas de trabalho também se refez o contexto de tempo em que essa categoria se concretiza, muitas vezes tomado pelos trabalhadores para sua organizações classistas. Padilha (2003) é enfática ao afirmar que ao longo da história do capitalismo, trabalho e lazer formam um sistema em que o movimento de um, afeta o movimento do outro, e, historicamente a categoria lazer é própria do trato do capitalismo com o trabalho.

O entendimento que temos das leituras marxianas, é que há a necessidade de tempo livre, para a emancipação humana, e não de lazer. Mas, considerando que só há *tempo livre* se “se cessa o trabalho determinado pela necessidade exterior; pela sua natureza e situa-se além da produtividade”, ou seja, o trabalho que alimenta as relações de segunda ordem, as relações incisas pela mercadoria, é necessário ocupar o tempo de não trabalho, ou de lazer para forjar a construção do tempo livre (apud VEGA, 1979, p. 37; PADILHA, 2000; 2003) (grifo nosso).

Nesse pensamento é afirmado ainda que no tempo livre pressupõe-se permitir o desenvolvimento das qualidades essencialmente humanas, afetadas pela objetividade do capital, ou seja, ao passo em que, por meio da luta de classes os trabalhadores forjarem a emancipação humana, e passarem a se associar livremente, as categorias de cultura, lazer e dança deverão ser (re) significadas (WAICHMAN, 2002; MÉSZARÓS, 2002).

Por se inscrever em tese em construção, vale demarcar que ‘constituir análises das relações empíricas expressas pelos sujeitos investigados, *a lócus*, mediadas com a cientificidade dos estudos, com vias a síntese’, com aprofundamento nos estudos da subjetividade, ainda é tarefa a ser realizada para a conclusão dessa tese.

PRIMEIRAS SÍNTESES

Como indicamos, desde o resumo, essa tese está em construção, e o entendimento, por hora empírico e mediado dos estudos da conjuntura mais ampliada da sociedade do capital, nos remete à hipótese, que as compreensões desses dançantes de suas danças dos Bumbás, entre trabalho e lazer, têm fundamento classista.

Desde esses primeiros passos é possível a leitura do processo de reestruturação produtiva do capital, a moda Nortista e Parintinense, em especial, nas Associações Folclóricas dos Bois Caprichoso e Garantido. A denominação local dessas transformações no seio do

Festival é “profissionalização”, com vias ao “espetáculo” e não mais o “brincar de boi”, de antes da década de 1990.

Retomando as lentes marxianas, é possível a compreensão de que, ao alinhar o Festival à lógica do capital, as transformações ocorridas no âmbito do trabalho dos dançantes se estende a seu lazer e de forma peculiar na reificação de sua subjetividade, não segregada da objetividade do capital.

Consideramos ainda, como parte do método, que, a partir da identificação e análises dessas contradições, é necessário apontarmos sínteses, sendo as mais particularizadas ainda de difícil delinear, mas a mais ampliada se constituindo na superação da sociedade do capital e re-significação do trabalho, o gozo do tempo livre, do dançar e do dançar no Festival dos Bumbás de Parintins.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. **Os sindicatos e a luta contra a burocracia**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo, 2000.

_____. **Trabalho, subjetividade e lazer: estranhamento, fetichismo e reificação no capital global**. IN: PADILHA, V. **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2001.

BRAGA, S. I. G. **Os Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

DUARTE, C. P.; VASCONCELOS, R.; NASCIMENTO, M. Danças de salão e danças nacionais populares. In; DA COSTA, L. P. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS, J. S. **O fetiche dos esteróides anabolizantes e a subjetividade reificada no modelo corporal dos jovens brasileiros na atualidade**. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação/UEM). Maringá, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MOURÃO, A. R. B. **A fábrica como espaço educativo**. São Paulo: Scortecci, 2006.

NOZAKI, H. T. **Educação Física e reordenamento do mundo do trabalho**: mediações da regulamentação da profissão. (Tese de Doutorado). Niteroi: UFF, 2004.

PADILHA, V. Se o trabalho é doença, o lazer é o remédio? In: MÜLLER, A. e DA COSTA, L. P. **Lazer e trabalho**: um único ou múltiplos olhares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 243-266, 2003.

PARANÁ, DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EDUCAÇÃO FÍSICA. Curitiba, SEED, 2006.

VEGA, J. L. G. **Ócio e Turismo**. Rio de Janeiro: Salvat Brasil, 1979.

WAICHMAN, P. **Tiempo Libre y Recreación**: un desafío pedagógico. Buenos Aires: Editora PW, 2002.